

PSICANÁLISE E POLÍTICA: NEUTRALIDADE SUSPEITA

**Anna Mehoudar, Cláudia Monti Schonberger, Cristina Herrera, Daniela Danesi,
Eva Wongtschowski, Heidi Tabacof, Noemi Moritz Kon, Rita Cardeal.**

O exercício da clínica psicanalítica, em seus vários aspectos, – da sustentação teórica adotada até os objetivos pretendidos –, leva o psicanalista a transitar por muitas veredas, num processo complexo de formação, processo singular, em que cada qual configura para si modelos significativos e que produzem distintos alcances no campo da subjetividade, evidentemente, mas que modelam também sua compreensão e ação nos campos social e político.

Gostaríamos de focar, nesse texto, dois diferentes lugares de encontro nos quais o psicanalista se exercita na construção de seu fazer clínico: 1) no encontro entre analista-analisando, experiência em sua análise pessoal e na análise de seus analisandos e 2) também, no encontro clínico entre psicanalistas que se consideram pares.

Nessa construção junto a outros, o psicanalista sustenta seu pensamento clínico encontrando-se também com a obra matriz de sua disciplina – a obra freudiana – e com o acervo psicanalítico que já, há mais de um século, compõe aquilo que podemos denominar de campo psicanalítico.

Contamos ainda com uma rede mais ampla de sustentação, com o que este campo freudiano apresenta no formato instituído – instituições com suas normas e regulamentos – e de processos instituintes. Esses processos que nos desalojam constantemente da segurança apaziguada da letra morta e mortífera do já estabelecido, estabelecido que pode conter o risco de se desdobrar na formulação de uma teoria incontestável, tornada ideologia, e na aplicação da técnica como fetiche.

Importante ressaltar ainda que em nosso campo a produção de saber se dá no mesmo ato que sua colocação em prática. Somos simultaneamente sujeitos e objetos de nossas pesquisas que se dão em meio a uma profunda inter-relação subjetiva.

Tendo tudo isto em mente – 1) o intrapsíquico (que pede por nossa história, em sua dinâmica e intensidade), 2) a relação entre psicanalistas impulsionados, cada qual, por seus mundos intrapsíquicos, 3) a compreensão particular da matriz teórica freudiana e de seus desenvolvimentos, 4) o pertencimento a instituições de formação, que nos atravessam com seu conservadorismo e arrojo – não seria difícil imaginar a infinidade de

compreensões metapsicológicas produzidas e, conseqüentemente, as diferentes práticas resultantes que produzem percepções e alcances os mais variados.

Na correspondência entre as modalidades de exercício clínico e pertencimento institucional no campo psicanalítico - dentro do percurso de formação - nos deparamos, por exemplo, com modos muito diversos para lidar com a transferência, motor e fator de resistência em uma análise. Temos desde a utilização da transferência no terreno da sugestão, e, portanto, num uso perverso da sua força que instala verdades e dogmas que descaracterizam o caráter disruptivo da nossa prática, até formas de lidar com a transferência que quando concernidos pelos seus efeitos, interrogam a nossa prática.

Como analistas, sujeitos e objetos do processo analítico, estamos implicados naquilo que escutamos, atravessados pelo nosso tempo e mergulhados no mal-estar da cultura, e, é só a partir daí que a transferência opera, no sentido de poder articular uma indagação sobre o desejo.

Nos espaços de formação podemos ir da transmissão, que se apoia no reconhecimento de um saber/poder que fica alojado no outro até o formato em que nas relações entre pares a assimetria – processo inaugural e constitutivo do campo do humano -, acaba por ser tomada dinamicamente para criar movimento que visa o saber e que permite deslocamentos e assunção de caminhos de autonomia de pensamento.

Assim, quando focamos a ideia da existência de uma correspondência entre modalidades de exercício clínico e de lugar teórico/institucional de pertencimento no campo psicanalítico, podemos encontrar no caminho de formação do analista, no percurso de ir se fazendo analista, funcionamentos que podem aprisionar na alienação e obstaculização dessa construção singular. Esses funcionamentos revelariam um uso perverso da força da transferência e se balizariam em teorizações desencarnadas, dando forma a um saber/poder que, sendo assim, trabalharia a favor do conservadorismo.

Quando pensamos alternativas para esse risco de fetichização da teoria e do fazer psicanalíticos, que se escondem atrás da ideia de uma técnica e de uma teoria certas e absolutas, o fazemos afirmando não haver neutralidade no exercício psicanalítico, não haver cientificidade que exclua os recortes teóricos que cada analista privilegia, não haver sobredeterminação subjetiva que não esteja recheada da realidade histórica e sócio-política de cada um, e, portanto, que não é possível deixar do lado de fora da sala as ideologias que orientam, ainda que não o saibamos, as nossas práticas.

Ao constatarmos tamanha complexidade no percurso formativo do psicanalista precisamos nos ater a um norte que nos livre de um outro grande risco, os voluntarismos.

A rigor, é o que nos pede a ética psicanalítica.

Segundo a ética freudiana, o fazer clínico psicanalítico está sob a égide das mesmas leis que levam ao surgimento de um sujeito a quem corresponde um inconsciente e que, por sua vez, produz e experimenta uma singularidade. Fruto da cultura, que se apoia nas redes de linguagem, encontramos discursos que subjetivam e imprimem uma falta que põe em movimento o "bonde chamado desejo".

Desejar é o que permite ao ser humano se deslocar em direção a um caminho que é único, que lhe concerne. É o que lhe permite se inserir no conjunto dos sobre determinados, fazer uso dos objetos e significantes criados e colocados à sua disposição pela cultura, buscando não se submeter ao massivo e informe. Constituído e constituinte de uma singularidade, o inconsciente surge da imersão do humano na linguagem, na cultura, no *socius*, no fazer-se sujeito pela co-incidência do intrapsíquico pulsional e do cultural-objetal.

Regidos pela ética psicanalítica, o par analista-analisando seguiria em busca da desalienação deste que chega com um corpo enfeixado por muitos dizeres, corroído por outros tantos e esburacado por aqueles dizeres-experiências que não conseguiram se fazer representar. Este ser que chega, encontra um outro organizado (ou desorganizado) à mesma maneira: com um saber não todo desvelado, construído e alicerçado, e, portanto, um desconhecimento a ser assumido.

Neste processo, o que é ser analista? Ser *função, objeto, lugar, um sujeito com sua subjetividade suspensa?*

Ofício complexo, este nosso!

Talvez ao analista caiba a possibilidade de saber fazer algo, de ter uma experiência revisitada, de encontrar uma possibilidade compartilhada de transmissão, de transmissão de experiências analíticas. Ao analista a responsabilidade de sustentar as condições para a ocorrência da transferência com a vivência e revivescência de todos os afetos possíveis, com a colocação em ato do inconsciente.

Na transferência, e com a transferência, um analista sabe que um dia já se reencontrou onde nem se sabia existir, e que através e com esta experiência tão enigmática poderá transmitir ao analisando, em ato, uma possibilidade única de encontro que mira o criativo e prazeroso, mas contém o ódio, o desamparo e a fragilidade humana.

Um trabalho que, se não é da ordem do impossível, como dizia Freud, pelo menos poderia ser da ordem da ficção própria a cada um. Um trabalho que ao término pode deixar como legado ao analisando (e também ao analista) o saber sobre seu desejo, a possibilidade de apropriação do que lhe pertence no campo intermediário entre o possível e o desejado, a soltura das amarras que a busca pela completude trouxe e a condição para ir em frente. Uma herança possível de ser compartilhada socialmente. Portanto, com efeitos políticos no *socius*.

Dizemos que este é um legado de importância: um analista que transmite, faz e dá passagem. Leva a psicanálise para além de seu local de trabalho. Leva algo diverso ao chamado campo psicanalítico e também para fora dele.

No campo freudiano os elos de uma cadeia são construídos e, à maneira do que se passa na clínica psicanalítica, também na situação institucional a cadeia com elos precisa permitir avançar, não pode aprisionar. Não sem consequências, nos interligamos. Quais os riscos ao nos institucionalizarmos, ao que devemos nos atentar se sabemos que a soma das partes não é igual ao todo?

Apostamos ser no encontro horizontal entre pares que a palavra pode circular, sem verdade dogmática, sustentada pelas múltiplas transferências que promovem deslizamentos constantes de sentido, permitindo a cada um o livre exercício de seu pensamento e o encontro da palavra implicada. Foi a partir dessa aposta que constituímos o **Grupo de Discussão Clínica**.

Nele, sem preparo prévio, de forma espontânea, a cada encontro um dos membros do grupo toma a palavra e coloca uma questão para circular.

É no campo transferencial criado entre e pela dupla analista-analisando, mas também criado pela transferência no Grupo de Discussão Clínica, e, mais além, pela transferência com o grupo de pertencimento dentro do campo freudiano, no caso, o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, que os efeitos dessa circulação da palavra implicada se fazem sentir. Dúvidas, muitas.

Permanecemos pensando juntos: o que nos propomos sustentar, quando nos abrimos em espaço e tempo para receber uma pessoa em análise?

Concluimos que mais do que colocar em movimento todos os conhecimentos adquiridos ao longo da formação, disponibilizamos nossos corpos e subjetividade numa aposta. E, assim, fazemos este trabalho permeados e imersos em nossas ideologias (pois elas estão sempre lá), nossa compreensão de mundo, em nossa realidade social e política.

Que solitário, que arriscado. E que temerário! Não há enquadre psicanalítico, cura-tipo que, supostamente, nos livra destas complicações.

No **Grupo de Discussão Clínica** não há julgamentos, não há direcionamentos, não há supervisão, mas produção de efeitos. Somos pares em uma relação de confiança e respeito. Apresentamos as questões para deslizarem. Não há um "é assim que se faz". Já percebemos ao nos colocarmos no lugar de quem sabe, que encontramos muito conforto, mas perdemos nossa especificidade enquanto psicanalistas. No grupo somos diversos, em quase tudo, e, no que importa aqui, somos diversos nos percursos para a formação como analistas. Mas, sabemos, precisamos nos posicionar, este é nosso compromisso. O grupo anda com as colaborações. Somos diversos em quase tudo, é verdade, mas convergimos na escolha pela instituição de pertencimento: somos membros deste Departamento.

Ah, o enquadre. Às vezes na busca por ele acabamos por enquadrar o analisando e, quem sabe, a nós também.

A **psicanálise transmite e se transmite**, cria, portanto, pares, parcerias e amizades (por que não?) onde há o reconhecimento de processos similares de passagem. E não é assim que os elementos necessários e suficientes para o surgimento de uma instituição se dão? uma psicanálise instituída, uma instituição de psicanalistas?

Consideramos que aos analistas importa nos colocarmos em análise para então ocupar o lugar de analista, consideramos também que sob a égide da ética psicanalítica nenhum analista se assujeitaria a normas ou a um regulamento que não fossem aqueles com íntima ligação com o campo freudiano.

Pensamos ser impossível blindar a matéria prima de nosso fazer clínico, e acreditar que nunca nos afastamos do que seria desejável, de uma prática onde só a ética do desejo imperaria. Ou seja, impossível receber e criar demandas apenas guiados pela ética; como dissemos, somos também controlados pelo imaginário – esta imagem que também nos sustenta: não somos isentos em nossa transmissão. Nossas vaidades, a busca pelo sucesso mais que pelo reconhecimento simbólico, nossa sobredeterminação simbólica na constituição do psiquismo estão presentes quando estamos com nossos analisandos e também com nossos pares, sendo integrantes e configuradores de uma instituição. E mais, retomando as transferências criadas por nós e aquelas nas quais estamos imersos, impossível acreditá-las todas resolvidas. Estão aí os processos de análise que se findam e recomeçam, as complexas tramas que compõem a história do movimento psicanalítico, para nos lembrar das complexidades do que compõe esse ofício.

Nosso campo, o freudiano, está inserido social, histórica e politicamente. Então, pensarmos as questões sociais e políticas amplas e seus efeitos nos laços sociais, pode nos lembrar que uma política para o analítico consistiria em levarmos para o institucionalmente criado a preocupação com o um e com todos, o cuidado com o campo nas suas faces de transmissão e formação como processo contínuo. Um processo que nos afaste da palavra vazia, que nos desloque e nos leve adiante na direção do inacabamento.

Mas, mais que isto, e muito mais significativo, é nos sabermos em contínua busca e às voltas com possibilidades de fazer trocas horizontais, de multiplicar e socializar esta oportunidade.

E a neutralidade do analista?

Esta inexistente, e quando se presentifica pode trazer consequências da indesejada alienação. Para evitar tais sequelas, há que se manter sempre presente a necessária interlocução, para que consigamos, se tivermos sorte, sair das armadilhas da relação dual – em que o submetimento defensivo a um modelo torna-se constitutivo, e a verdade, que haveria que ser a ficção de um sujeito, transforma-se em regras a serem cegamente seguidas. Nas interlocuções temos a perspectiva de um analista sustentar transferências e conduzir seu ofício lembrando que importa despir-se da parte mais prosaica de seu narcisismo, inclusive, a que sustenta a ideia que ele é neutro social, política e ideologicamente. A produção no campo e do campo, quando compartilhada, permite aos analistas fincarem pé no chão, lembrarem-se de suas faltas e serem lembrados e reconhecidos em suas produções criativas. Serem lembrados que, a cada percurso analítico, o analista novamente se colocará em análise, e a cada invenção para o campo terá que estar aberto ao exercício constante das diferenças na busca pelo respeito à alteridade.